

# NÃO EM NOSSO NOME

*Intelectuais e artistas norte-americanos lançaram, em setembro de 2002, um manifesto que denuncia a política belicista do governo Bush, “que põe em grave perigo os povos do mundo”, e a supressão de direitos civis nos Estados Unidos — a “onda de repressão” interna desencadeada após os atentados de 11 de setembro de 2001.*

*O manifesto, reunindo mais de quatro mil assinaturas, foi publicado no The New York Times. Entre os signatários estão os escritores Noam Chomsky, Edward Said, Alice Walker, Gore Vidal, Kurt Vonnegut e Russel Banks, os cineastas Robert Altman e Oliver Stone, os artistas Danny Glover, Marisa Tomei e Susan Sarandon, o músico Brian Eno e Martin Luther King III. O texto de “Not In Our Name”, que reproduzimos a seguir, na íntegra, pode ser encontrado nos sites [www.nion.us](http://www.nion.us) e [www.rebellion.org](http://www.rebellion.org).*

Que não se diga que nos Estados Unidos ninguém fez nada quando seu Governo declarou uma guerra sem limites e instaurou novas medidas repressivas. Os signatários desta Conclamação convidam a população a resistir às políticas e às diretrizes gerais que emergiram após 11 de setembro, e que põem em grave perigo os povos do mundo.

Nós cremos que as pessoas e as nações têm direito a determinar seu próprio destino, livres de qualquer coerção militar das grandes potências. Creemos que todas as pessoas detidas ou perseguidas pelo governo estadunidense devem ter os mesmos direitos. Fazer perguntas, criticar e dissentir são atitudes que devem ser valorizadas e protegidas.

Creemos que as pessoas com consciência devem assumir a responsabilidade das ações de seus governos, e acima de tudo opomo-nos às injustiças cometidas em nosso nome. Convidamos os estadunidenses a resistir frente à guerra e à repressão que foram lançadas sobre o mundo pela administração de Bush. É injusta, imoral e ilegítima. Decidimos fazer causa comum com todos os povos do mundo.

Contemplamos com angústia os terríveis acontecimentos de 11 de setembro de 2001. Também choramos milhares de vítimas inocentes e nos horrorizamos ante a terrível carnificina, que nos trouxe à memória cenas similares em Bagdá, Panamá ou, faz uma geração, no Vietnã. Como milhões de

estadunidenses, nos perguntamos como é possível que algo assim tenha ocorrido.

Mas enquanto a dor estava apenas em seus começos, as mais altas instâncias desencadearam seu espírito de vingança. Cunharam uma consigna simplista: “bons contra maus”, que imediatamente foi adotada por meios de comunicação submetidos e acovardados. Disseram-nos que o simples fato de fazer perguntas sobre esses terríveis acontecimentos roçava a traição. Não devia haver debate algum. Não havia lugar para dúvidas éticas

*“Cunharam uma consigna simplista: ‘bons contra maus’, imediatamente adotada por meios de comunicação acovardados”*

ou políticas. A única resposta possível era a guerra no Exterior e a repressão dentro de casa.

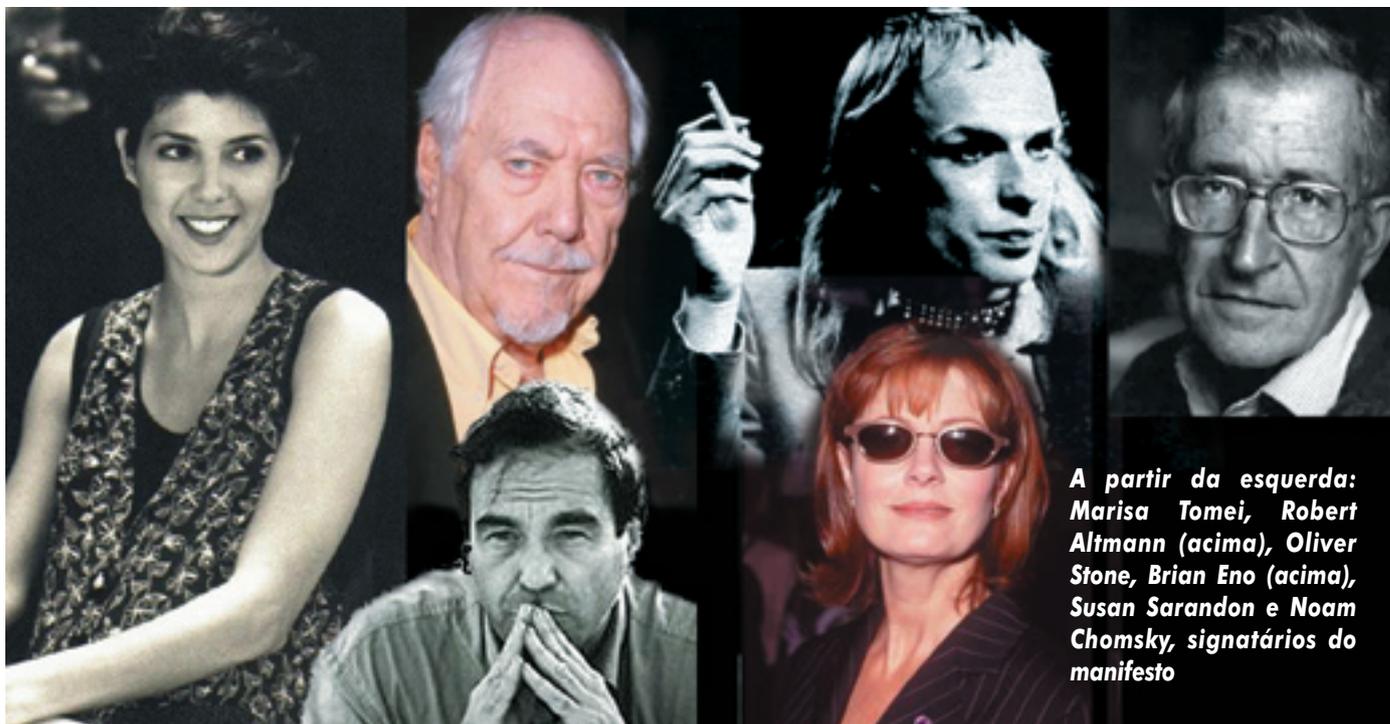
Em nosso nome, a administração Bush, com a quase unanimidade do Congresso, atacou o Afeganistão e se arrogou, juntamente com seus aliados, o direito de destruir forças militares em qualquer lugar e momento. As brutais repercussões se fazem sentir desde as Filipinas até a Palestina, onde os tanques e *bulldozers* israelenses traçaram um terrível caminho de morte e destruição. E o Governo se dispõe agora a empreender uma guerra total contra o Iraque, país que

não tem qualquer relação com os fatos de 11 de setembro. Que tipo de mundo será este, se se permite ao Governo dos Estados Unidos lançar comandos, assassinos e bombas onde quer que deseje?

Em nosso nome, o Governo criou nos Estados Unidos duas classes de cidadãos: aqueles aos quais pelo menos se lhes prometem direitos básicos do sistema legislativo e aqueles que agora não parecem ter direito algum. O Governo prendeu mais de mil imigrantes e os encarcerou em segredo e sem limite de tempo. Centenas de pessoas foram deportadas e centenas continuam na prisão. Pela primeira vez, em décadas, os procedimentos de imigração submetem determinadas nacionalidades a um tratamento desigual.

Em nosso nome, o Governo desencadeou uma onda de repressão na sociedade. O porta-voz do presidente intimidou as pessoas dizendo que “tenham cuidado com o que dizem”. Os artistas, intelectuais e professores dissidentes vêm seus pontos de vista distorcidos, atacados e eliminados. O chamado Patriotic Act, ao lado de um sem-fim de medidas similares nos diversos estados, dá à polícia novos e mais amplos poderes de investigação e seqüestro, com acobertamento de procedimentos secretos.

Em nosso nome, o Executivo usurpou constantemente os papéis e funções das outras instâncias de governo. Uma ordem do Executivo pôs em funcionamento tribunais militares. Uma assinatura presidencial é suficiente para definir



**A partir da esquerda: Marisa Tomei, Robert Altmann (acima), Oliver Stone, Brian Eno (acima), Susan Sarandon e Noam Chomsky, signatários do manifesto**

como “terrorista” determinado grupo de pessoas. Devemos levar muito a sério os governantes, quando falam de uma guerra que durará uma geração, e de uma nova ordem. Achamo-nos ante uma nova política interna que gera e manipula o medo para limitar os direitos.

Há uma estratégia mortal nos acontecimentos dos últimos meses, que deve ser vista como o que é, e frente à qual há que resistir.

Demasiadas vezes na história, a população esperou para resistir até o momento quando já era demasiado tarde. O presidente Bush declarou: “Ou está conosco, ou está contra nós”. Esta é a nossa resposta: nós nos negamos a que fale em nome de todos os estadunidenses. Não entregaremos nossas consciências em troca de uma oca promessa de segurança. Dizemos não em nosso

nome. Nos negamos a ser parte destas guerras e rechaçamos todas as ações empreendidas em nosso nome ou por nosso bem-estas. Estendemos a mão aos que no mundo sofrem em consequência dessas decisões.

*“Resistiremos à máquina de guerra e à repressão, e faremos todo o possível para detê-las”*

Mostraremos nossa solidariedade com as palavras e a ação. Os signatários desta conclamação convidamos todos os estadunidenses a se unirem a este desafio.

Aplaudimos e apoiamos as propostas em curso, uma vez que reconhecemos a exigência de fazer

muito mais para pôr fim a esta loucura. Inspiramo-nos na decisão dos reservistas israelenses que, assumindo o risco pessoal, declararam que há um limite e se negam a servir em Gaza e nos territórios ocupados.

Inspiram-nos numerosos exemplos de resistência e consciência que nos oferece a História dos Estados Unidos: desde os que combateram a escravidão, até os que puseram fim à guerra no Vietnã descumprindo ordens, negando-se a se incorporar às fileiras e apoiando os que resistiam.

Não permitamos que o mundo que nos contempla se desespere por nosso silêncio e nossa incapacidade de ação. Façamos com que esse mundo possa sentir o nosso compromisso. Resistiremos frente à máquina de guerra e à repressão, e faremos todo o possível para detê-las.